

Educação do campo e trabalho com mutirões agroecológicos: sentidos atribuídos e a pedagogia engajada no CFP/UFRB

Rural Education and Work with Agroecological Community Projects: Meanings Assigned and Engaged Pedagogy at CFP/UFRB

Carlos Adriano da Silva Oliveira

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas,
BA, Brasil.

Lanna Cecília Lima de Oliveira

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia,
Amargosa, BA, Brasil.

Ybyrá Ybyraçú Antekren Duarte Brandão

Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, BA, Brasil.

Informações do artigo

Recebido em 30/12/2026

Aceito em 19/05/2026

doi: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2026.n267.p129-152>

Copyright (c) 2026 Carlos Adriano da Silva Oliveira;
Lanna Cecília Lima de Oliveira e Ybyrá Ybyraçú Antekren
Duarte Brandão.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Você é livre para:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer
meio ou formato.

Adaptar — remixar, transformar e construir sobre o material
para qualquer finalidade, mesmo comercialmente.

Como ser citado (modelo ABNT)

OLIVEIRA, Carlos Adriano da Silva;
OLIVEIRA, Lanna Cecília Lima de; BRANDÃO, Ybyrá Ybyraçú
Antekren Duarte. Educação do campo e trabalho com
mutirões agroecológicos: sentidos atribuídos e a
pedagogia engajada no CFP/UFRB. **Cadernos do CEAS:
Revista Crítica de Humanidades**. Salvador/Recife, v. 51,
n. 267, p. 129-152, jan./abr. 2026. DOI:
<https://doi.org/10.25247/2447-861X.2026.n267.p129-152>

Resumo

O artigo teve como objetivo refletir acerca dos sentidos atribuídos ao trabalho com mutirões em atividades da Educação do Campo. Os desdobramentos da produção emergem de inquietações no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), em Amargosa - Bahia, englobando experiências do grupo de pesquisa Docência, Currículo e Formação (DOCFORM/CNPq). A pesquisa qualitativa está atrelada a metodologia compreensiva (Luz, 2018). Como dispositivo da produção de dados utilizou-se a observação em mutirões do grupo, questionário, com questões abertas, fechadas e a utilização da livre associação de palavras, por meio de formulário enviado em plataforma virtual. Os participantes foram dez integrantes da Comissão Política Pedagógica (CPP) do grupo de pesquisa DOCFORM. O referencial teórico que fundamenta a pesquisa conta especialmente com bell hooks (2017; 2021), Paulo Freire (1983; 1998; 2001), Cacique Babau (2023), Antônio Bispo dos Santos (2023), dentre outros. Como resultados, a dimensão da circulação dos sentidos atribuídos ao trabalho com mutirões na Educação do Campo confirma-se como uma experiência de sociabilidade e compartilhamento de vida e produção. Considerando a pedagogia engajada do grupo, avançamos defendendo a prática do trabalho com mutirões na Educação do Campo como possibilidade de fomentar uma educação democrática, e como espaço de produção fecundo para formação de professoras e professores.

Palavras-chave: Educação do Campo; Mundo do Trabalho; Engajamento Social.

Abstract

This article aimed to reflect on the meanings attributed to collaborative work in rural education activities. The developments of this research emerge from concerns at the Teacher Training Center (CFP) of the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB), in Amargosa - Bahia, encompassing experiences of the Teaching, Curriculum and Training research group (DOCFORM/CNPq). The qualitative research is linked to a comprehensive methodology (Luz, 2018). Data collection methods included observation during the group's collaborative work sessions, a questionnaire with open and closed questions, and the use of free word association, through a form sent via a virtual platform. The participants were ten members of the Political-Pedagogical Commission (CPP) of the DOCFORM research group. The theoretical framework that underpins this research draws especially on bell hooks (2017; 2021), Paulo Freire (1983; 1998; 2001), Cacique Babau (2023), Antônio Bispo dos Santos (2023), among others. As a result, the dimension of the circulation of meanings attributed to working with collective efforts in rural education is confirmed as an experience of sociability and shared life and production. Considering the group's engaged pedagogy, we advance by defending the practice of working with collective efforts in rural education as a possibility to foster democratic education, and as a fertile space for the training of teachers.

Keywords: Rural Education; The World of Work; Social Engagement.

INTRODUÇÃO

O artigo intitulado *Educação do Campo e trabalho com mutirões agroecológicos: sentidos atribuídos e a pedagogia engajada no CFP UFRB* estende-se com o objetivo de refletir acerca dos sentidos atribuídos ao trabalho com mutirões em atividades da Educação do Campo. Os desdobramentos da produção orientam-se por uma pesquisa qualitativa realizada no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), em Amargosa - Bahia, englobando experiências do grupo de pesquisa Docência, Currículo e Formação (DOCFORM/CNPq).

No sentido de contextualizar a produção, enfatizamos a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Atentamos para a constituição histórica da Universidade vinculada à dimensão da luta e mobilizações populares articuladas por diferentes segmentos da sociedade que lhe dá identidade regional. Assim, no ano de 2003, realizaram-se audiências públicas nos municípios de Amargosa, Cachoeira, Castro Alves, Cruz das Almas, Maragogipe, Mutuípe, Nazaré, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Félix, Terra Nova e Valença com o objetivo de mobilizar a comunidade e criar um ideário capaz de reunir movimentos sociais e forças de todos os matizes políticos em torno da criação da nova universidade. Transposta, com sucesso, esta etapa, foi entregue ao Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva o projeto de criação da UFRB, em outubro de 2003. Em 06 de julho de 2005, o Projeto foi aprovado pela Câmara de Deputados Federais e, em 12 de julho do mesmo ano, obteve sua aprovação pelo Senado Federal. A UFRB, com sede no município de Cruz das Almas, foi criada pela Lei nº 11.151, de 29 de julho de 2005, por desmembramento da Escola de Agronomia da UFBA, com o objetivo de ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária (UFRB, 2015-2019).

Em 2025, na ocasião dos 20 anos de existência, a UFRB tem sua abrangência marcada em sete cidades baianas (Cruz das Almas, Cachoeira, São Félix, Santo Antônio de Jesus, Amargosa, Santo Amaro e Feira de Santana), 69 cursos de graduação, 29 de mestrado e doutorado, e o dado expressivo de mais de 16 mil estudantes egressos. Dados da Pró-reitoria de graduação apontam um cenário em que 92% dos estudantes de graduação são oriundos da Bahia e 73% vêm da escola pública. A universidade conta com 19.115 estudantes, 1.016 professores(as) e 697 servidores técnicos(as) administrativos(as).

O Centro de Formação de Professores (CFP), em Amargosa - Bahia, foi implantado no segundo semestre de 2006 e conta atualmente com onze cursos de Graduação (as licenciaturas em Educação do Campo - Ciências Agrárias, Educação Física, Filosofia, Física, Letras, Matemática, Pedagogia diurno, Pedagogia noturno e Química; além do curso em Tecnólogo em Agroecologia, e por meio do edital PARFOR EQUIDADE, às Licenciaturas em Educação Bilíngue de Surdos e Licenciatura em Educação Escolar Quilombola). O CFP também registra cinco cursos de pós-graduação *lato sensu*: Especialização em Educação do Campo: Trabalho Educativo e Ensino, Especialização em Educação e Interdisciplinaridade, Especialização em Ensino de Ciências "Ciência é 10!", Especialização em Ensino de Ciências e Matemática, Especialização em Filosofia, Conhecimento e Educação, Especialização em Filosofia, Cultura e Educação, Especialização em Gestão Escolar - EAD, e dois cursos de pós-graduação *stricto sensu*: Mestrado Profissional em Educação do Campo e Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO).

O presente artigo contempla, com maior incidência, as experiências vivenciadas no cotidiano do curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências Agrárias, mobilizadas em cinco mutirões realizados no ano de 2025. O curso implantado em 2013 desenvolve-se pela formação por Alternância, dividido em dois tempos formativos - Tempo Universidade (TU) e Tempo Comunidade (TC) - uma organização pedagógica que intenta a possibilitar o acesso a formação acadêmica por parte de camponeses e camponesas, ao mesmo tempo que não se distancia dos princípios próprios de comunidade, organização social e a realidade a qual se inserem.

Ainda enfatizando o curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias (CFP/UFRB), de acordo com seu Projeto Pedagógico, tem como objetivo formar educadores/as com docência multidisciplinar para atuar nas escolas do campo a partir de uma organização curricular pautada na área do conhecimento Ciências Agrárias. Dentre os objetivos do curso enfatizamos a intencionalidade de formar educadores para atuar nas escolas do campo, no âmbito das séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio na área das Ciências Agrárias, sobretudo em instituições que ofereçam a educação técnico-profissional da rede pública, escolas organizadas pelos Movimentos Sociais e reconhecidas pelo Estado, ONGs e outros: EFA (Escola Família Agrícola), projetos de pesquisas, projetos e/ou programas de desenvolvimento sustentável; E desenvolver uma proposta curricular de

estudos em Agroecologia em interface com os programas das diferentes disciplinas do currículo escolar de cada etapa da educação básica (UFRB, 2019). Dentro do curso de Licenciatura em Educação do Campo destacamos a mobilização do grupo de Pesquisa DOCFORM.

O estudo se desenvolveu por intermédio da pesquisa qualitativa, atrelada a metodologia compreensiva (Luz, 2018). Como dispositivo da produção de dados utilizou-se a observação em mutirões, questionário com questões abertas, fechadas e a utilização da livre associação de palavras, por meio de formulário enviado em plataforma virtual. Os mutirões ocorreram aos sábados, no campo experimental de práticas agroecológicas da Licenciatura em Educação do Campo (CFP/UFRB), entre os meses de março e novembro de 2025. Na referida área as ações específicas do curso contam com um viveiro, um espaço destinado para experiências com Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (PAIS) e estudos sobre transição agroecológica, sistemas agroecológicos, manejo e conservação de agroecossistemas

Destarte, considerando a mobilização realizada pelo grupo DOCFORM, as experiências envolviam convite amplo e participação de diversos cursos, com a maioria de estudantes da Licenciatura em Educação do Campo. A organicidade contava com indicação de temáticas prévias e ações envolvendo Educação e Agroecologia, a divisão de tarefas por Núcleos de Base, café e/ou almoço coletivo e, em cinco momentos, contamos com a presença aproximada de 150 pessoas, entre docentes e estudantes.

O DOCFORM, A EDUCAÇÃO E AGROECOLOGIA

O DOCFORM é um coletivo que atua na UFRB desde 2015, e na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) desde o ano de 2024, atualmente registrado e certificado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), desenvolve ações de estudo, pesquisa e extensão, auto organizado por uma Coordenação Político Pedagógica (CPP), e conta com nove linhas de pesquisa, quatorze pesquisadores/as, noventa e nove estudantes, quatro técnicos administrativos, totalizando 117 integrantes de diferentes áreas do conhecimento. Além dos integrantes, o coletivo reveste-se de parcerias com outros

grupos/programas de pesquisa e extensão, movimentos sociais, educadores do campo, mestres e mestras do saber, principalmente no território do Baixo Sul da Bahia. Importa-nos salientar que, das nove linhas de pesquisas e estudos, duas linhas de pesquisa se destacam na Educação do Campo (CFP/UFRB), a saber: a linha de pesquisa Educação em Agroecologia, Bem Viver e Práxis Decolonial, e a linha Educação no/do Campo, Identidades, Sujeitos, Textos e Contextos, cujo este manuscrito se vincula.

O grupo associa com frequência as esferas da pesquisa, ensino e extensão, e o método pedagógico aproxima-se epistemologicamente de experiências com a Educação Popular e movimentos sociais, atrelada a ações que envolvem tempos educativos e, especialmente, uma adaptação das práticas de formação experimentadas e produzidas no âmbito do DOCFORM. Essa condição converge com a dimensão dos objetivos do coletivo, e nesse processo, as imersões em campo são vetores de compreensão, sobretudo o de circular momentos de formação coletivamente produzidos para reflexão acerca de práticas agroecológicas. Aqui alinhamos essas imersões considerando a metáfora de que *o caminho se faz caminhando* (HORTON e FREIRE, 2003).

Nos diálogos, as experiências iniciais do grupo também fundamentaram-se em reflexões de Paulo Freire ao indagar sobre a vinculação necessária entre *política e educação*, bem como a superação das práticas de extensão pautadas na domesticação, apontando outros horizontes onde as ações se aproximam da relação *extensão/comunicação* (FREIRE, 2001; 1983). Uma das premissas para esse desdobramento está atrelada aos caminhos e descaminhos por onde circulam as vivências entre sujeitos, textos e contextos, marcados pela *dialogicidade* (FREIRE, 1998).

Nesse sentido, a disposição do grupo DOCFORM constitui-se a partir da realização de ações apoiadas em concepções contra hegemônicas da educação, marcada pela pluralidade de ideias, leituras e lentes de interpretação da realidade. No caminho priorizamos uma dinâmica de aprofundamento dos estudos que insiste no ensino-aprendizagem crítico, não unilateral, onde valorizamos o diálogo de saberes como essenciais à formação, em caráter holístico. Portanto, os parâmetros de produção indicados seguiram a condição fundamental dos princípios éticos, da flexibilidade e especialmente a produção respeitosa do conhecimento socialmente referenciado.

É nesse contexto de contribuição contínua com a construção do conhecimento agroecológico que essa proposta se pauta, entendendo as práticas e ações acadêmicas como espaço de fortalecimento recíproco com parcerias já existentes, e promotor de possibilidades do estabelecimento de novas interações entre atores sociais. Importa-nos ressaltar também a capilaridade da proposta envolvendo práticas de aliadas à pesquisa, ensino e extensão. Essas ações se desdobram na formação de professores e professoras atravessando as suas práticas e nesse processo dialógico, crucial enfatizar a participação de estudantes da educação básica, em especial integrantes de Escolas Família Agrícola de territórios da Bahia, bem como discentes da graduação e pós-graduação, docentes de redes públicas de ensino, militantes de movimentos sociais, coletivos organizados e agricultores familiares. Atuação conjunta e parcerias cruciais materializadas principalmente em formações.

As ações de formação ocorrem no grupo DOCFORM desde o registro em 2015 e o coletivo acumula experiências mobilizadas no tema em questão, a exemplo de cinco cursos de formação em Educação e Agroecologia, entre os anos de 2020 e 2024, com o registro de 590 pessoas participantes.

A primeira experiência do curso de Formação em Educação e Agroecologia ocorreu em 2020 e a demanda de participação foi superior à proposta inicial de 80 vagas disponibilizadas, chegando ao número de 100 participantes certificados. Nesse sentido, observou-se a necessidade da realização da segunda edição do curso, com o objetivo de refletir sobre Educação e Agroecologia numa perspectiva dialógica. O 2º Curso de Formação em Educação e Agroecologia ocorreu em 2021, com a abrangência de 80 pessoas participantes, e na ocasião a atividade foi promovida através do estabelecimento de parcerias entre o Grupo de Pesquisa Docência, Currículo e Formação (DOCFORM/CFP/UFRB), a Rede de Escolas Família Agrícola (REFAISA) e o Fórum de Educação do Campo do Baixo Sul da Bahia.

As edições do Curso de Formação em Educação e Agroecologia, realizadas nos anos de 2020 e 2021, foram elaboradas a partir da demanda de estudantes, educadores e lideranças locais que visualizaram a necessidade de aprofundar os conhecimentos em torno da temática. Nesse sentido, a primeira iniciativa em 2020 foi desenvolvida a partir da oferta de quatro módulos e oito encontros de formação virtuais, que suscitaram discussões em

torno da transição Agroecológica e Educação; Agroecologia e Educação Popular; Agroecologia, Juventude e Educação; Agroecologia, Ciência e Universidade.

A segunda formação em 2021 foi realizada a partir de quatro encontros virtuais, com módulos debatendo temáticas designadas por um diálogo com as parcerias, no contexto enfatizamos: Educação e Agroecologia para Convivência com o Semiárido; Educação e Agroecologia: Lutas pela terra, identidades camponesas e das águas; Educação e Agroecologia: Povos e comunidades tradicionais (Matriz Africana, indígenas, Quilombolas e de Terreiro) e Educação e Agroecologia: Juventudes e sucessão rural. As formações, mesmo em formato virtual devido a realidade da pandemia mundial provocada pelo coronavírus SARS-COV-2 (COVID-19), envolveram uma dinâmica que permitiu a interação dos cursistas a partir de uma metodologia com inspiração na Educação Popular. A articulação fomentada por monitoria de estudantes integrantes do DOCFORM e coletivos parceiros tinham a intencionalidade de garantir a dialogicidade dos cursistas divididos em Núcleos de Base (NBs). Esses NBs configuram-se como responsáveis por desenvolver místicas, práticas e estratégias para a leitura, discussão e elaboração de sínteses a partir de textos indicados e dos encontros virtuais com pessoas convidadas.

A prática nos NBs ocupa centralidade nas ações, em especial porque a construção do conhecimento agroecológico é permeada pelo diálogo de saberes científicos e populares tendo como ponto de partida a realidade, relações sociais, econômicas e culturais dos povos do campo, das águas e da floresta e seus agroecossistemas. Os debates, leituras, formações com foco na Agroecologia contribuíram para acúmulos teóricos e práticos que incidem no avanço e fortalecimento dos modos de vida, das organizações sociais, dos estudantes, docentes e todas as pessoas envolvidas direta ou indiretamente com a experiência. Nesse sentido, as tarefas organizadas pelos NBs são reflexo da intencionalidade do grupo de pesquisa em estimular ações coletivas implicadas, alinhadas ao diálogo de saberes e à reflexão crítica a partir da realidade dos sujeitos. Nesse sentido, durante as formações, os cursistas deram visibilidade às culturas dos territórios em que pertenciam, às formas organizativas, as potencialidades, os conflitos e as saídas apontadas pelos movimentos para superação dos desafios.

O 3º e 4º Curso de Formação em Educação e Agroecologia, respectivamente em 2022 e 2023, apresentaram o caráter de formação híbrido e presencial e o objetivo da proposta

avançou no sentido de pensar a organização de *agentes multiplicadores da agroecologia*. O 3º curso de formação (2022), ofertado em formato híbrido, articulou momentos presenciais e os módulos abordaram a Agroecologia enquanto ciência; Agroecologia enquanto prática; Agroecologia enquanto Movimento; e o Diálogo de saberes: Conexões entre Agroecologia e Educação, materializando a participação de 60 pessoas envolvidas.

O 4º curso de formação (2023) ocorreu de maneira itinerante em cinco municípios diferentes: Amargosa, no Centro de Formação de Professores; em Salvador, na comunidade Pesqueira e Quilombola de Ilha de Maré; em Iraquara, na comunidade Quilombola Renascimento dos Negros; em Valença no Território Guerém e em Ipirá, no Assentamento Dom Mathias. A proposta foi vinculada às Pré-Jornadas de Agroecologia, em parceria com a Teia dos Povos e trabalhou temáticas em torno da Educação e Agroecologia em Território de Reforma Agrária; Educação e Agroecologia em Território Quilombola; Educação e Agroecologia em Território de Pescadores Artesanais e; Educação e Agroecologia em Território Indígena, de modo a estabelecer conexões entre a Agroecologia e Territórios, levando em consideração as especificidades e demandas apontadas em cada localidade. A itinerância e a circulação desta formação também incidiram na divulgação da experiência da Licenciatura em Educação do Campo e enfatiza-se o contingente de 290 pessoas participantes nos encontros.

Na ocasião do 5º Curso de Formação em Educação e Agroecologia, em 2024, um marcador importante foi o público participante composto por 60 docentes do município de Valença - Bahia, realizado no Povoado do Orobó. Aqui a ênfase na organização do trabalho pedagógico nas Escolas do Campo foi desdobrada em debates que envolveram a compreensão dos fundamentos da história da agricultura e suas articulações com os conteúdos escolares; a compreensão sobre a diferença entre os modos de produção da agricultura camponesa e do agronegócio; e reflexões sobre práticas pedagógicas que tratam dos fundamentos da agroecologia a partir dos conteúdos escolares.

Conceitualmente, em diálogo com Guhur e Silva (2021, p. 59-60), na dinâmica do grupo DOCFORM, apontamos para a argumentação de que a agroecologia tem sido reafirmada por um conjunto de sujeitos sociais, organizações, instituições de pesquisa e ensino como uma ciência, um enfoque ou disciplina científica, como prática (social) e como movimento ou luta política. Pode apresentar uma abordagem restrita, como um campo de

cultivo agrícola; considerar um agroecossistema mais complexo, como uma unidade de produção (estabelecimento rural, assentamento de reforma agrária) ou mesmo uma região; abarcar todo o sistema agroalimentar; ou convidar a repensar o metabolismo sociedade-natureza, como parte de um projeto societário.

Mas para além dessa apreensão, em síntese, Guhur e Silva (2021) pontuam a presença de antecedentes históricos e contribuições da agroecologia nos processos de desenvolvimento, sua condição como práxis vinculada às lutas territoriais, soberania alimentar e saúde, e especialmente como projeto societário. Aqui destacamos esses elementos e a afirmação das experiências agroecológicas populares, camponesas, ameríndia, quilombola e de todos os povos tradicionais, como marcador da ação do grupo em curso. Ademais, por delimitação, em estudos futuros, pretende-se problematizar a agroecologia como legado de atores sociais que tiveram a memória histórica silenciada pelas imposições coloniais, eurocêntricas naturalizadas em esfera ampla do cotidiano nas relações sociais e produção intelectual no Brasil.

Após a descrição de elementos da contextualização, apontamos que o acúmulo de experiências supracitados e as reuniões de alinhamento nutrem a intencionalidade de problematizar os sentidos atribuídos ao trabalho com mutirões, sobretudo seu caráter de incidência na formação pensando para a Educação do Campo (CFP/UFRB) e construto de possibilidades de produção de conhecimento nos âmbitos universitário/comunitário, a partir de experiências vivenciadas no grupo de pesquisa DOCFORM.

As fundações do caminhar metodológico do artigo concernem com a produção intelectual de Narcimária Correia Patrocínio Luz (2018, p.66-67), especialmente os aportes atrelados a interpretação dos dados, onde enfatizamos a *metodologia compreensiva*, uma lente que se propõe a mobilizar formas de investigar em contraponto ao discurso linear-sequencial e irrompe em análises sob o impacto da pulsão da sociabilidade vinculada aos modos de viver das comunalidades. A autora pontua:

O caminho da pesquisa na perspectiva da metodologia compreensiva será abordado aqui metaforicamente, como uma espiral, que desenha a circularidade de um tempo e espaço singular. É nessa atmosfera da espiral que o pesquisador realiza um exercício metodológico original, onde estão presentes ritmos que imprimem afeto, alegrias, emoções, sabores, odores, o traçado urbano [e rural] das territorialidades, a dramatização da vida, o lúdico, os humores, o corpo coletivo, o desejo de comunhão, a solidariedade, enfim, histórias humanas. (Luz, 2018, p.68)

Considerando a circularidade explicitada, como dito anteriormente, dispositivo da produção de dados utilizou-se as sensações circuladas em cinco mutirões do grupo e, com maior destaque nesta produção, um questionário com questões abertas, fechadas e a utilização da livre associação de palavras, por meio de formulário enviado em plataforma virtual, respondidos entre os meses de novembro e dezembro de 2025. Os participantes da pesquisa foram dez integrantes do grupo de pesquisa Docência, Currículo e Formação (DOCFORM), e o critério de seleção para definir os respondentes consistiu em circular os sentidos de pessoas do grupo que atuam na Comissão Político Pedagógica (CPP), espaço de organicidade, registro, avaliação e execução das ações desenvolvidas pelo coletivo. Segue elementos de caracterização das pessoas participantes:

Quadro 1: Caracterização das pessoas participantes da pesquisa

	Idade	Cor/raça	Gênero	Atuação profissional	Formação acadêmica
1	41	Preto	Masculino	Agricultor familiar	Licenciatura em Educação do Campo-Ciências Agrária
2	26	Parda	Feminino	Docente	Licenciatura em Educação do Campo-Ciências Agrária
3	37	Parda	Feminino	Docente	Doutora em Agronomia, mestre em Ciências Agrárias (Agroecologia), Engenheira Agrônoma
4		Preta	Feminino	Docente	Licenciada em Educação do Campo-Ciências Agrárias. cursando Especialização em Estudos Culturais e Políticos na América Latina
5	29	Pardo	Masculino	Estudante	Licenciado em Educação do Campo com habilitação em Ciências Agrárias pela UFRB e atualmente estudante de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural
6	28	Preta	Feminino	Docente	Licenciada em Educação do Campo-Ciências Agrárias atualmente estudante de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação
7	26	Preto	Masculino	Agricultor Familiar	Graduando no curso de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Ciências Agrárias
8	26	Parda	Feminino	Docente	Graduada em Licenciatura em Educação do Campo - Ciências Agrárias, Mestranda em Educação do Campo e cursando uma especialização em Alfabetização e Letramento
9	37	Indígena	Masculino	Docente	Técnico em Agropecuária; Bacharel em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar; Pós-Graduado em Estado e Direito dos Povos e Comunidades Tradicionais; Mestre em Educação do Campo; Doutorando em Desenvolvimento Rural; Pós-graduando em Recursos Pesqueiros e Piscicultura.
10	29	Indígena	Feminino	Docente	Pedagoga e Mestre em Educação

Fonte: Elaborado pelos autores

Em síntese, as dez pessoas participantes indicam atuação profissional como estudante (1), docentes (7) e agricultores familiares (2), seis do gênero feminino e quatro do gênero masculino, com faixa-etária compreendida entre 26 e 41 anos de idade, autodeclarados indígenas (2), pretos (4) e pardos (4). No que tange à formação, todas as pessoas possuem vínculo direto e/ou aproximação com a Educação do Campo, nove com

graduação concluídas das quais oito estão cursando ou já concluíram cursos de pós-graduação. Residem atualmente no Estado da Bahia em cinco Territórios de Identidade, em sete municípios, a saber: Amargosa (2), Território Vale do Jiquiriçá; Carinhanha (1), Território Velho Chico; Iraquara (2) e Seabra (1), Território da Chapada Diamantina; Salvador (1), Metropolitano de Salvador; Ituberá (1), Teolândia (1) e Valença (1), Território Baixo Sul.

O perfil diverso é fator preponderante para produção pensada em diálogo com a metodologia compreensiva. Outro marcador importante do perfil diverso é o fato das dez pessoas participantes da pesquisa, oito apontam vínculo com movimentos sociais, e duas apontam vínculo parcial, com a participação marcada em associações, sindicatos, movimentos sociais organizados em defesa do território, núcleos de estudo em agroecologia e coletivos em luta por direitos de retomada identitária.

No texto, ao circular os sentidos, optamos por descrever os dados produzidos no questionário e indicar em *itálico* os destaques, identificando os respondentes como um coletivo e descrevendo a fonte da informação junto a respectiva data em que o levantamento foi realizado, dessa forma, na seção a seguir, os dados originários do instrumento estão identificados com recuo de citação, em itálico e entre parênteses a descrição: (*Depoimentos questionário CPP DOCFORM, novembro/dezembro 2025*).

Assim, passamos a circular os sentidos sobre trabalho com mutirões avivando as *comunidades* indígenas e africano-brasileiras, compreendendo-as em seu *rico universo simbólico* (Luz, 2018), e ressaltando suas potencialidades na dinâmica da formação de professores e professoras na Educação do Campo (bell hooks, 2017; 2021), com vistas a pensar esse espaço como um potente vetor para construir uma educação democrática, tecendo considerações.

EDUCAÇÃO DO CAMPO E A PEDAGOGIA ENGAJADA: SENTIDOS ATRIBUÍDOS AOS TRABALHOS COM MUTIRÕES

A efervescência do debate nacional em relação à Educação do Campo confirma-se como um território em disputa, sobretudo pela diversidade que envolve as trajetórias dos sujeitos e as pedagogias no processo de formação (Arroyo, 2014; 2011). Atualmente existem

70 cursos de Licenciatura em Educação do Campo sendo ofertados nacionalmente por 48 Instituições de Ensino Superior – IES, com 7.480 estudantes matriculados. Entre estes, 45 são cursos já institucionalizados nas IES e 25 são cursos novos, financiados via PARFOR Equidade. No período de 2009 a 2024, foram contabilizados nacionalmente 22.318 estudantes como cursistas matriculados na Licenciatura em Educação do Campo (CAPES, CGEC-DIPECEA-SECADI, 2024 / Censo Ensino Superior 2022).

Em campo, no contexto da pesquisa, Santos e Moura (2024) destacam a importância da Educação do Campo na UFRB considerando o marcador histórico com dados expressivos, a saber: 14 cursos implantados no período entre 2011 e 2024; 7 de graduação (5 licenciaturas e 2 tecnológicos); 7 de pós-graduação (3 *lato sensu*, 1 *stricto sensu* e 3 de aperfeiçoamento). Do total de 14 cursos, 7 estão vinculados ao Campus Amargosa; 5 ao Campus Feira de Santana; Até fevereiro de 2024 os cursos formaram 483 egressos, sendo 314 na graduação, 45 na especialização e 124 no mestrado (UFRB, 2024).

Parafraseando e concordando com Fernandes e Molina (2004, p. 51) acionamos a citação onde descrevem: *o paradigma da Educação do Campo tem cor, cheiro e saber. Tem mais, tem o seu território. Uma definição consistente de Educação do Campo não será encontrada numa palavra que designa outra. Conceitos construídos fora do âmbito deste paradigma não podem ser importados automaticamente. É à Educação do Campo que compete elaborar os seus próprios conceitos.*

Perante a citação de Fernandes e Molina (2004), é importante pensar sobre a historicidade da Educação do Campo no Brasil. Provocamos a pensar sobre, *cor, cheiro e saber, aliado aos territórios*, e ressaltamos como crucial avivar uma suposta obviedade: a presença/existência de inscrições corporais negras no campo brasileiro, anterior à invasão portuguesa, vivendo, sentindo e produzindo, e desde sempre em luta pela terra. Marcadores dessa natureza não podem ser negligenciados ou reduzidos na dinâmica de formação de professoras e professores para a Educação do Campo.

Sobre o suposto óbvio, enfatizamos a presença/existência de inscrições corporais negras no campo que precede o *pacto da branquitude* nacional (Bento, 2022) produzindo memórias mistificadas atuantes nas narrativas históricas. As máscaras do racismo foram alimentadas por induções a crer em mentiras sobre a suposta chegada/descobrimiento dos colonizadores no Brasil, desdobradas nos debates relacionados ao escravismo, à

miscigenação e à falsa ideia de integração plena dos corpos negros em nossa estrutura social (Oliveira e Paula Silva, 2022).

Para além desse cenário, as experiências da *branquitude* nacional, orientada por elementos de classificação e hierarquização pautada nos princípios da eugenia (Munanga, 2004), projetam nos registros, consequentemente na produção científica, um salto histórico intencional, uma pseudo narrativa de heroísmo, virtude e referência de trabalho a partir da imigração europeia, como se a realidade de civilidade, avanço, prosperidade, organização familiar/comunitária, boa saúde e produção no Brasil correspondesse como dádiva circunscrita a um grupo.

Importante salientar que esses desdobramentos históricos foram permeados de conflitos e negociações, sobretudo de resistência. Apesar do robusto projeto racista nacional, que perdura, em evidência assentamos o protagonismo dos povos indígenas, quilombolas e negros articulados (ou não) politicamente, que em luta, contribuíram para confirmação de participação cultural dos seus corpos na realidade brasileira, com isso avivam a tomada de consciência dos povos negros, e não negros, no tempo presente.

Isto posto, afirmando as reflexões sobre a intenção política e pedagógica da produção, destacamos inicialmente que os registros analíticos dos signos *trabalho e mutirões* circulem por uma compreensão histórica baseada nas referências indígenas e negras que, com resiliência, apontam para a relevância da participação coletiva e experiências comunitárias como passo importante para a aprendizagem na Educação do Campo.

Assim, ao retomar a conformação etimológica da palavra "*mutirão*" pode ser indicar a origem linguística Tupi-Guarani, da palavra "*motyrõ*", significa "*reunião para a colheita ou construção*" ou simplesmente "*trabalho em comum*" (Carneiro, 1957). Avançamos na interpretação do trabalho com os mutirões, e concernente com a observação de Antônio Bispo dos Santos, ilustramos que *somos compartilhantes*, nas palavras do autor, no livro *A terra dá, a terra quer*, destaca-se:

Quando ouço a palavra confluência ou a palavra compartilhamento pelo mundo, fico festivo. Quando ouço troca, entretanto sempre digo: "Cuidado, não é troca, é compartilhamento". Porque a troca significa um relógio por outro relógio, um objeto por outro objeto, enquanto no compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto, por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham. Quando me relaciono com afeto com alguém, recebo uma

recíproca desse afeto. O afeto vai e vem. O compartilhamento é uma coisa que rende. (Santos, 2023, p.36).

A experiência *relacional de compartilhamento* comunitário no trabalho com os mutirões é a essência de uma experiência educativa alinhada com as comunicações dos povos negros do campo. O tempo, as ações, os gestos ganham uma dimensão material e simbólica que diverge do modelo de exploração colonial, eurocêntrico/capitalista de leitura do mundo. O aprender e caminhar em comunidade ganha um sentido amplo, marcado pela mutualidade.

Pensando nas experiências de mutualidade, dialogamos com Cacique Babau (2023), no livro *Antologia Afro-Indígena*, ao destacar diferenças nos modos de vida e cosmovisão do mundo da experiência indígena, demarcam uma relação equilibrada e de respeito com a terra. Ao tratar de enfrentamentos no território, o autor nos provoca a pensar sobre o tempo. Aqui destacamos um fragmento para diálogo com a pesquisa.

Como é que um país não percebe que está se autodestraindo? Há outros métodos, outros modos de fazer mais eficazes, que não provocariam tantos danos. Há limitações que têm que ser respeitadas. Nós andamos com nossas pernas e nos guiamos com nossa visão e nossos ouvidos. Os pássaros têm seu sonar. Quando modificamos qualquer coisa no entorno deles, podemos afetá-los. (Cacique Babau, 2023, p. 39)

Na formação de professoras e professores, em realce na Educação do Campo, é crucial pensar nas modificações e como podem *afetar* as comunidades. Estimulados pelas experiências das formações citadas na seção anterior, as reflexões sobre o *trabalho com mutirões* incidem em cinco mutirões realizados em 2025 pelo grupo DOCFORM, no CFP/UFRB, considerando elementos essenciais para construção do conhecimento agroecológico, enfatizando a inserção nas relações sociais comunitárias e os cuidados que esse movimento envolve.

Aqui defendemos a incidência do grupo DOCFORM inspirado na posição epistemológica da Pedagogia Engajada, situada em diálogo com bell hooks (2017), que dialoga também com a Educação Popular, pautando-se nos escritos de Paulo Freire, ambos aportes teóricos concebidos em um viés holístico, comprometidos com o bem-estar e atento ao movimento de *autoatualização* nas práticas de formação. Dessa maneira:

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho é o de simplesmente partilhar informações, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo. (hooks, 2017, p. 25).

Fundamentando-se no pensamento de bell hooks, o DOCFORM traz à tona que os próprios mutirões transformam o espaço de trabalho e produção em uma comunidade de aprendizado onde o conhecimento coletivo brota do engajamento consciente dos participantes que trazem suas experiências para a partilha, aprofundando a construção dos saberes em um contexto de cooperação de maneira análoga à pedagogia engajada, onde o diálogo está na centralidade da ação.

Assim, ao fomentar processos coletivos em torno do Campo de Práticas Agroecológicas da Licenciatura em Educação do Campo, se incentiva a transformar a teoria em ação prática no contexto universitário. Além disso, as ações junto aos mutirões intentam a produção e/ou recuperação de valores que possam extrapolar a ação no mutirão em si e permear a prática cotidiana dos envolvidos, estimulando a criação de ambientes com vínculos fortalecidos e compreensão da necessidade de superar a lógica dominante de reprodução social baseada na competição e centralização do poder.

Nesse caminho as produções do grupo se caracterizam como uma integração e fomento ao diálogo de saberes, conhecimentos e experiências entre os atores, possibilitando a percepção e a compreensão da gama de relações sociais, econômicas, ambientais, culturais, políticas e éticas. O contexto aponta para a relevância de afirmar que a construção do conhecimento possui raízes comunitárias, ou seja, relacionais.

Vale dizer que o trabalho com mutirões mobilizados no Grupo DOCFORM também promove o intercâmbio de conhecimentos e experiências entre os saberes, reconhecendo e valorizando a diversidade e práticas existentes em diferentes culturas e comunidades, em seu caráter relacional. Além disso, os esforços em incentivar os mutirões na Licenciatura em Educação do Campo, expressa o movimento de resistência crítica e consciente contra sistemas que promovem o individualismo e fragilizam as relações sociais. Nesse sentido,

ratificamos a oportunidade de criar uma espiral de *compartilhamento* de conhecimento entre comunidades, escolas, e instituições de ensino superior.

Todas as pessoas participantes da pesquisa afirmam já ter compartilhado do trabalho com mutirões envolvendo práticas agroecológicas, tanto no âmbito universitário, organizados pelo grupo DOCFORM (7) e/ou como em experiências comunitárias de ordens diversas (3). Assim, na pesquisa, mobilizamos as sensações que envolveram a livre associação de palavras.

Utilizando da livre associação, os sentidos que correspondem às possibilidades que envolvem o trabalho em mutirões são descritos com intensidade a partir da palavra *coletividade*, acionada por todas as pessoas participantes, seguida da junção entre *organização/cooperação* assinalada por sete respondentes. Com menor incidência, mas descritos como sentidos relacionados circulam as palavras: *agroecologia* (2), *autonomia* (2), *saberes ancestrais* (2), *educação* (1), *formação* (1), *ciência* (1), *cultura* (1), *base* (1), *cuidado* (1), *união* (1) e *mobilização* (1).

Na mesma esteira, quando questionados como o trabalho em mutirões pode contribuir com a Educação do Campo? Descrevemos alguns fragmentos anunciados pelas pessoas respondentes:

Fortalecimento da coletividade e da solidariedade, valorização dos saberes locais, aprendizagem prática e significativa, formação cidadã e política, integração entre escola e comunidade. (Depoimento questionário CPP DOCFORM, novembro/dezembro 2025).

Os mutirões retomam o princípio da coletividade que é/já foi principal característica do ser camponês, propondo pensar que a força, os resultados efetivos, as conquistas vêm de todas(os). (Depoimento questionário CPP DOCFORM, novembro/dezembro 2025)

O trabalho tem potencial de estimular a coletividade a junto com movimentos sociais, possam se reunir e agir para superar alguma dificuldade, mostra que a organização, acompanhada de troca de saberes potencializa que muitas iniciativas podem ter origem dos próprios sujeitos internos e das coletividades parceiras. (Depoimento questionário CPP DOCFORM, novembro/dezembro 2025).

Construir essa compreensão nas pessoas da comunidade sobre a importância dos mutirões, visto que cada vez mais o trabalho coletivo vem perdendo espaços para o uso de máquinas, venenos e etc. Concorrer com o agronegócio. (Depoimento questionário CPP DOCFORM, novembro/dezembro 2025).

Destarte, dada a experiência com os sentidos circulados, bell hooks, na obra *Ensinando a transgredir, a educação como prática da liberdade*, nos remete a pensar na

coletividade envolvendo a formação de professoras e professores e a construção de uma comunidade pedagógica. A autora relata:

No começo eu tinha medo. O medo me lembrou da necessidade de mudar meu pensamento, minha noção daquilo que faço como professora. Essa noção pode ser alterada pelo contexto. [...] É por isso que eu estava propondo que seria ótimo criar uma estrutura de educação em que *todos* pudessem mudar. Vejo a possibilidade de mudar de local como um elemento essencial para que os professores conservem o entusiasmo pelo trabalho. (hooks, 2017, p. 217-218).

Quando acionamos os sentidos atribuídos à *coletividade*, atrelada a interpretação da construção de uma *comunidade pedagógica* provocada pela autora, não estamos alertando para uma mudança reduzida à compreensão espacial e física, onde a atuação pedagógica se desloca da sala de aula para um campo de trabalho com os mutirões.

Importante problematizar a origem da experiência coletiva dos povos do campo, como destacada nos depoimentos, e retomar a dinâmica de trabalho com mutirões a partir de outra perspectiva com o mundo e com as pessoas. Como negligenciar (ou silenciar) os modos de vida e os ensinamentos indígenas e africano-brasileiros nessa estrutura? Como negligenciar que os enfrentamentos nos territórios são a origem de uma luta que atravessa o local e o global, como a exemplo dos avanços violentos do agronegócio?

Ao retratar o *medo* diante da mudança citado por hooks (2017), retomamos o diálogo que Narcimária Luz expressa como uma observação necessária:

Uma observação necessária para aqueles que temem assumir a semântica da emoção que dá pulsão à vida no interior da espiral, ou mesmo preferem a sisudez da arrogância positivista, quando adotamos a semântica da emoção é porque reconhecemos que sem ela a circularidade que impulsiona a dinâmica da espiral desaparece. (Luz, 2018, p. 69)

Os trabalhos com os mutirões na Educação do Campo vivificam a mudança, o deslocamento, como dito anteriormente, não reduzida a dimensão espacial e física, e configuram-se como instrumento importante no cotidiano universitário da Educação do Campo no CFP (UFRB) que, mesmo situado em uma universidade com a aura habitada por *inscrições corporais negras*, permanece enfrentando desafios para assumir um caráter plural e de equidade (Oliveira e Paula Silva, 2022). Desafios que também transpõem e afetam a práxis

da organização do trabalho pedagógico, sobretudo pela ordem do convívio em uma estrutura social marcada pela lógica do colonialismo/capitalismo.

Nas respostas as possibilidades atravessam os desafios e o trabalho com os mutirões na Educação do Campo podem fortalecer trajetórias de uma educação democrática. Assim, no livro *Ensinando Comunidade*, bell hooks nos remete a pensar na formação:

Professores dotados de visão democrática sobre a educação assumem que esse aprendizado nunca está confinado apenas a sala de aula institucionalizada. Em vez de incorporar a falsa concepção de que a universidade não é o “mundo real” e ensinar de acordo com isso, o educador democrático liberta-se da falsa ideia da universidade corporativa como ambiente à parte da vida real e procura repensar o ensino como elemento permanente da experiência de mundo e da vida real. Quando incorporamos o conceito de educação democrática, passamos a enxergar o ensino e aprendizagem como constante. Compartilhamos o conhecimento obtido em salas de aula para além daquele espaço, trabalhando, portanto, para desafiar a concepção em que certas formas de saber são sempre e somente acessíveis à elite (hooks, 2021, p. 87)

O anúncio de bell hooks e sua preocupação em ensinar uma educação democrática é imprescindível na Educação do Campo e na UFRB. Estudantes que acessam esse curso, no contexto da pesquisa, envolvidos com a constituição histórica da universidade pública colonial/capitalista no Brasil, marcada por *interesses privatistas e de tendência de reforma cultural* (Oliveira, Araújo e Correia, 2025), seguem uma rotina acadêmica de desafios materializados na ordem de permanência material e simbólica (Reis, 2009), embebida por estereótipos, rotulados como incapazes especialmente por advir de comunidades de origem popular do campo, com maioria de povos negros.

Nas ações do grupo DOCFORM, captamos as sensações do trabalho com os mutirões como uma ação que fortalece, para além dos conteúdos acadêmicos inerentes aos objetivos das atividades, um âmbito onde se conservam o pertencimento, o autocuidado, a reciprocidade, as dinâmicas de organização e cooperação coletiva, e especialmente a alegria. Em consonância com hooks (2021, p. 88-89), afirmamos que para trazer uma mentalidade estudiosa ao processo de aprendizagem que acontece dentro e fora da sala de aula, é necessário compreender o conhecimento como experiência que enriquece a vida integralmente.

Segue depoimento que ratifica o descrito:

Os mutirões são formas de organização dos povos do campo, portanto é resistência, história e cultura do povo camponês. Fortalecer essa compreensão na Educação do Campo é manter viva a essência do povo do campo, a auto-organização, é fortalecer esse potencial que os camponeses têm e que precisa ser mantido. (Depoimento questionário CPP DOCFORM, novembro/dezembro 2025)

O mutirão é uma prática antiga dos camponeses que reflete a reciprocidade desses povos. É um espaço de aprendizado, interação e fortalecimento. Reacender essa prática é contribuir para o despertar da possibilidade de construção coletiva não apenas na Educação do Campo, mas nos territórios em que os sujeitos estão inseridos. (Depoimento questionário CPP DOCFORM, novembro/dezembro 2025)

Os mutirões são vivências fortes nos territórios do Campo, das Águas e das Florestas, assim estando presente na Educação do Campo, porque faz parte dos modos de vida, então é algo muito importante de trazer para o diálogo, para formação e para prática. Crucial o grupo DOCFORM trazer as práticas que fortalecem e valorizam essas ações. (Depoimento questionário CPP DOCFORM, novembro/dezembro 2025)

Retomando a utilização da livre associação, os sentidos que correspondem aos *desafios* que envolvem o trabalho em mutirões, no âmbito do CFP (UFRB), a pesquisa indica os fatores mais destacados: a necessidade de *superar o individualismo* (4), seguido da *organização do tempo e autogestão e autonomia* (4), bem como o efetivo exercício da *comunicação adequada* (3) e *continuidade das ações* (3). Com um número menor de manifestações, emergem desafios como a *superação da apatia* (2), *da competição* (1), *do agronegócio e privatizações* (2), e *a exigência de compromisso* (1) e *conscientização* (1).

Semelhante e em contraste, apontados na livre associação de palavras, coloca-se em evidência por um lado as respostas com possibilidades marcadas pela *coletividade, organização comunitária e cooperação*, em contraponto ao registro dos desafios com *individualismo, organização, autogestão, autonomia, comunicação e continuidade das ações*.

Seguindo o levantamento dos sentidos circulados, quando questionados sobre quais *os fatores que podem ser registrados como um desafio para o trabalho em mutirões na realidade da Educação do Campo?* Registramos os depoimentos que seguem mobilizando a espiral ilustrando horizontes:

Primeiramente, precisa-se de Escolas do Campo. Escolas que se localizem no campo, se organizem em prol dessa realidade e se proponham a estudar, entender e agir em acordo com as necessidades da dinâmica do contexto que se insere. Dessa forma, pode-se mencionar sobre um currículo que atenta essa necessidade, um espaço físico que propicie as dinâmicas apropriadas, bem como a pedagogia da alternância adequada, sem deixar de mencionar o diálogo constante com a comunidade e as mestras dos saberes locais. (Depoimento questionário CPP DOCFORM, novembro/dezembro 2025).

Engajamento dos alunos. Pois, o trabalho só será realmente efetivo em grupo, quando o coletivo apresenta uma sincronia para a realização das atividades propostas. (Depoimento questionário CPP DOCFORM, novembro/dezembro 2025).

A Agroecologia é uma práxis (teoria, prática e movimento) que estimula os mutirões, pois ela traz o potencial de evidenciar conhecimentos a partir de saberes e demais recursos/patrimônios (políticos/culturais/ambientais) locais. A troca de experiência e a capacidade de contextualização dos seus conteúdos à realidade do território, potencializa a Agroecologia como uma das principais matrizes orientadoras dos mutirões. (Depoimento questionário CPP DOCFORM, novembro/dezembro 2025).

Construir essa compreensão nas pessoas da comunidade sobre a importância dos mutirões, visto que cada vez mais o trabalho coletivo vem perdendo espaços para o uso de máquinas, venenos e etc. Concorrer com o agronegócio. Infelizmente as práticas de mutirões vêm diminuindo, precisamos fortalecer, é também nossa missão enquanto fazedores de Educação do Campo. (Depoimento questionário CPP DOCFORM, novembro/dezembro 2025).

Em síntese, circulamos os sentidos e situados a importância da *defesa das escolas do campo e de questões estruturais para sua existência*. Outro horizonte apontado é a do efetivo exercício dos *diálogos de saberes e o território dos currículos em disputa*. Também em destaque, no âmbito dos desafios indicados, identifica-se o caminho da formação de professoras e professores que envolva a valorização do *engajamento, a agroecologia como uma matriz da Educação do Campo* e fonte fecunda de experiências. Por delimitação, e entendendo a necessidade de problematizar com mais afinco as inquietações registradas, projetamos em trabalhos futuros a ampliação do estudo.

Diante dos desafios, recorreremos a um alerta na caminhada, e em síntese assinalamos como considerações que a sensação mais intensa advinda do trabalho com mutirões nos ensinam a valorizar a experiência do trabalho coletivo, da força presente no estabelecimento da reciprocidade e um sentido de pertencimento a comunidade, onde, para além de produzir discurso de coletividade é imprescindível estar junto, construir junto. A autora bell hooks (2021, p. 26-27) afirma que um dos perigos que encaramos em nossos sistemas educacionais é a perda do sentimento de comunidade, não apenas a perda de proximidade com as pessoas com que trabalhamos, nossos alunos e alunas, mas também uma perda de um sentimento de conexão e proximidade com o mundo além da academia. Para a autora trata-se de uma *sabedoria prática*, um lugar de mutualidade.

Ademais, demarcados, a dimensão da circulação dos sentidos atribuídos ao trabalho com mutirões na Educação do Campo confirma-se como uma experiência de sociabilidade e

compartilhamento de vida e produção. Também ressaltamos as experiências de comunicações negras nesse caminho, como fonte fecunda de mutualidade e aprendizagem. Avançamos defendendo o trabalho com mutirões na Educação do Campo como possibilidade de fomentar uma educação democrática, e insistindo na educação como prática da liberdade, confirmar esse vetor como espaço de produção na formação de professoras e professores.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. Outros sujeitos, outras pedagogias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ARROYO, Miguel G. Currículo, território em disputa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BRANDÃO, Carlos R. A questão política da educação popular. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CACIQUE BABAU. Retomada. In: CARNEVALLI, Felipe; REGALDO, Fernanda; LOBATO, Paula; MARQUEZ, Renata; CANÇADO, Wellington (org.). Terra: antologia afro-indígena. São Paulo: Piseagrama: Ubu, 2023.

CARNEIRO, Edson. A Sabedoria Popular. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

FERNANDES, Bernardo Mançano; MOLINA, Mônica C. O campo da Educação do Campo. In: MOLINA, Mônica C. e JESUS, Sônia Meire S. A. (orgs.) Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do Campo. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação do Campo (Coleção Por Uma Educação do Campo, v. 5), 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 25^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 7^a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. Política e Educação: ensaios. São Paulo: Cortez, 2001.

GUHUR, Dominique; SILVA, Nívia Regina da. Agroecologia. In: DIAS, Alexandre Pessoa [et al.]. Dicionário de Agroecologia e Educação. 1 ed. São Paulo. Expressão Popular. 2021.

HOOKE, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017.

HOOKE, Bell. Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

HORTON, M.; FREIRE, P. O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social. Tradução de Vera Lúcia M. Josceline. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. Compondo uma metodologia compreensiva. In: Pensamento Insurgente: direito à alteridade, comunicação e educação. (Org.) Marco Aurélio Luz; Narcimária Correia do Patrocínio Luz. EDUFBA, Salvador. 2018.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OLIVEIRA, Carlos Adriano da Silva; ARAÚJO Thiago Louro de; CORREIA Fábio Ressureição. Adeus à universidade pública? Programa Universidade Para Todos (UFRB) e o reencantar no ensino superior. In: O Programa Universidade Para Todos UFRB: sujeitos plurais, trajetórias e acesso a univesidade / Organização: Carlos Adriano da Silva Oliveira, Luiz Paulo de Jesus Oliveira, Solyane Silveira Lima – Jundiá – SP: Paco Editorial, 2025.

OLIVEIRA, Carlos Adriano da Silva.; PAULA SILVA, Maria Cecilia de. Máscaras do racismo e inscrições corporais negras: entre mistificações, o desaparecer de si e a resistência. Conjecturas, 22(1), 2022.

REIS, Dyane Brito. Para Além das Cotas: a Permanência de Estudantes Negros no Ensino Superior como Política de Ação Afirmativa. Tese de Doutorado. Defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Educação. PPGE/UFBA. 2009.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Fábio Josué Souza dos Santos; MOURA, Terciana Vidal. A Educação do Campo na UFRB: apontamentos sobre uma caminhada (2008-2024). Revista Cocar. Edição Especial, N. 30/ 2024.

UFRB. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Plano de Desenvolvimento Institucional. Cruz das Almas, 2015-2019.

UFRB. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Projeto Pedagógico do Curso Licenciatura (Plena) em Educação do Campo Área do Conhecimento Ciências Agrárias. Amargosa-BA: UFRB. 2019.

Dados de autoria

Carlos Adriano da Silva Oliveira

Doutor em Educação (2022) no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), possui Mestrado em Educação (2015) pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS - Bolsista de Mestrado - CAPES). Especialização em História da África, da Cultura Afro-brasileira e Africana (2015) pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Professor Adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Formação de Professores (UFRB/CFP). Integrante do grupo de pesquisa Docência, Currículo

e Formação / CNPq (DOCFORM/ CFP/ UFRB). E-mail: carlosadrianoo2o2@ufrb.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9163-4321>.

Lanna Cecília Lima de Oliveira

Doutora em Agronomia pela Universidade Federal da Paraíba, mestre em Ciências Agrárias (Agroecologia) na Universidade Federal da Paraíba, graduada em Engenharia Agrônômica pela Universidade Federal de Sergipe. Mestre em Educação do Campo (UFRB). Docente na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no curso de Licenciatura em Educação do Campo, Amargosa. E-mail: lannacecilia@ufrb.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5095-7909>.

Ybyrá Ybyraçú Antekren Duarte Brandão

Doutorando em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS). Mestre em Educação do Campo (UFRB). Pós-Graduado em Estado e Direito dos Povos e Comunidades Tradicionais (UFBA). Bacharelado em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar da América Latina (UNILA). E-mail: ybyrayantekren@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5934-0579>.